

2^a bienal

de artes plásticas



julho agosto 1973

secretaria de turismo, cultura e esportes de santos



APRESENTAÇÃO

Como disse Picasso, certa vez, "a arte não é a aplicação de uma regra de beleza, mas aquilo que o instinto e o cérebro podem conceber além de qualquer regra".

A II Bienal de Artes Plásticas de Santos está aí, usando cor, forma, movimento, simplicidade, talento, sensibilidade, emoção, beleza e criação do artista brasileiro atual.

Damos a todos a oportunidade de conhecer a arte que é feita hoje.

ALCIDES FRANÇA BRASIL
Secretário de Turismo, Cultura e Esportes



COMISSÃO ORGANIZADORA

ANÍBAL MARTINS CLEMENTE - Presidente
PAULO CESAR CHAVES DE AMARANTE
EVÊNCIO MARTINS DA QUINTA FILHO
GILDA MARTINS FIGUEIREDO
SOLANGE MARIA AMORIM

COMISSÃO JULGADORA

PINTURA . ESCULTURA . DESENHO

GERALDO FERRAZ
LIZETTA LEVY
HERBERT DUSCHENNES

ARQUITETURA . DESENHO INDUSTRIAL . ARTE OBJETO

ARQ. DAVID OTTONI
ARQ. CÉLIO CALESTINI
ARQ. DÉCIO TOZZI
ARQ. ODILÉA HELENA S. TOSCANO



UMA ESTRADA NO ESPAÇO

Completados os nossos esforços, eis-nos diante da II Bienal de Santos. O que significa isto, além da mera informação cultural espalhada em vários painéis e espaços abertos? Antes de mais nada, quer dizer que é possível chegar-se a estabelecer uma tradição em termos de cultura nesta terra, tida por muitos, como árida para as coisas que envolvem o espírito humano. Esta II Bienal atrai expositores de diversos pontos do país, e portanto vemos que não apenas nossas praias e nosso sol, ultimamente avaro em raios e calor, podem atrair a atenção dos "lá de fora". Desta vez, Santos é procurada para um torneio de artes plásticas, onde o importante não é exatamente competir mas participar.

Uma segunda Bienal de Santos já é uma tradição? A proposta é um pouco ousada, porque a tradição reclama tempo para consolidar-se e estabelecer os seus padrões. Mas o campo aberto com a primeira toma impulso novo agora, e ganhará um terceiro impulso daqui a dois anos, sempre em crescendo. Conseguimos, dentro dos recursos postos à nossa disposição, atrair para este canto mais de 1.000 trabalhos diversos, e isto, em termos de Santos, de cultura santista, já é ótimo e nos dá a esperança de que na terceira Bienal este número aumente. Assim, ainda não temos a tradição estratificada, mas vemos que conseguimos implantar mais um alicerce do vasto edifício. O trabalho cultural reclama tempo, muito tempo para inserir-se nas consciências. Evidentemente, esta chama será passada a outras mãos, que se incumbirão de fazê-la avançar mais alguns metros, nesta corrida que não tem fim determinado, pois a cada Bienal os desafios serão renovados e as soluções terão também de acompanhar a velocidade da proposta apresentada.

Portanto, fomos convocados pelo Poder Público para realizar a II Bienal. E cremos que atingimos o



desafio, e que pouca ou nenhuma coisa deixamos para ser contestada, nesta segunda edição do esforço começado em 1971. Para que uma Bienal de Artes Plásticas em Santos? perguntarão alguns. E por que não? Deve nossa terra viver somente da fama de seu mar, de suas praias, de seu time de futebol? Dentro de nós não há mais nada a oferecer? Era isto que desejávamos provar, quando aceitamos organizar esta mostra. O resultado chega a surpreender a nós mesmos, e vemos que não foi por nosso modesto nome estar envolvido, mas sim pela própria idéia da exposição, que tantos artistas acorreram com seus trabalhos, numa demonstração evidente de que por estes Brasís há muita gente quieta à espera de uma oportunidade.

Esta não é uma Bienal local, nem regional. Aspira, e já consegue ser, uma Bienal brasileira. Quer demonstrar o que se faz hoje, em matéria de artes plásticas, com as soluções engendradas para responder às perguntas ditadas por este momento cheio de sugestões novas, em que a ida do homem à Lua é apenas um dado a mais no quadro amplo do desenvolvimento das aspirações humanas. Na Era do Espaço e dos Computadores, outra não podia ser a forma de arte do Homem, o seu meio válido de expressão, com o artista olhando para dentro de si e reproduzindo suas sensações e idéias em novos signos propostos. Nesta arte que hoje penduramos nos painéis e colocamos nos espaços vazios, verifica-se que o homem não procura fins, mas meios. Ao lado da linguagem gramatical e da linguagem dos computadores, existe outra mais misteriosa e complexa, talvez mais antiga, porém renovada a cada dia: a da arte, refletindo todo o espanto do homem diante do século que de repente deu um salto à frente. É a arte moderna, com todas suas contradições e até mesmo incoerências, mas eternamente nova e vital, sempre uma estrada no espaço.

A COMISSÃO ORGANIZADORA



Insera-se a II Bienal de Santos em mais um esforço do setor cultural da administração santista no sentido de dar uma ênfase à obra de arte, convocando artistas da área e de fora, para uma comunicação atual de sua produção com a gente desta cidade e da Baixada Santista, de que o município é núcleo predominante.

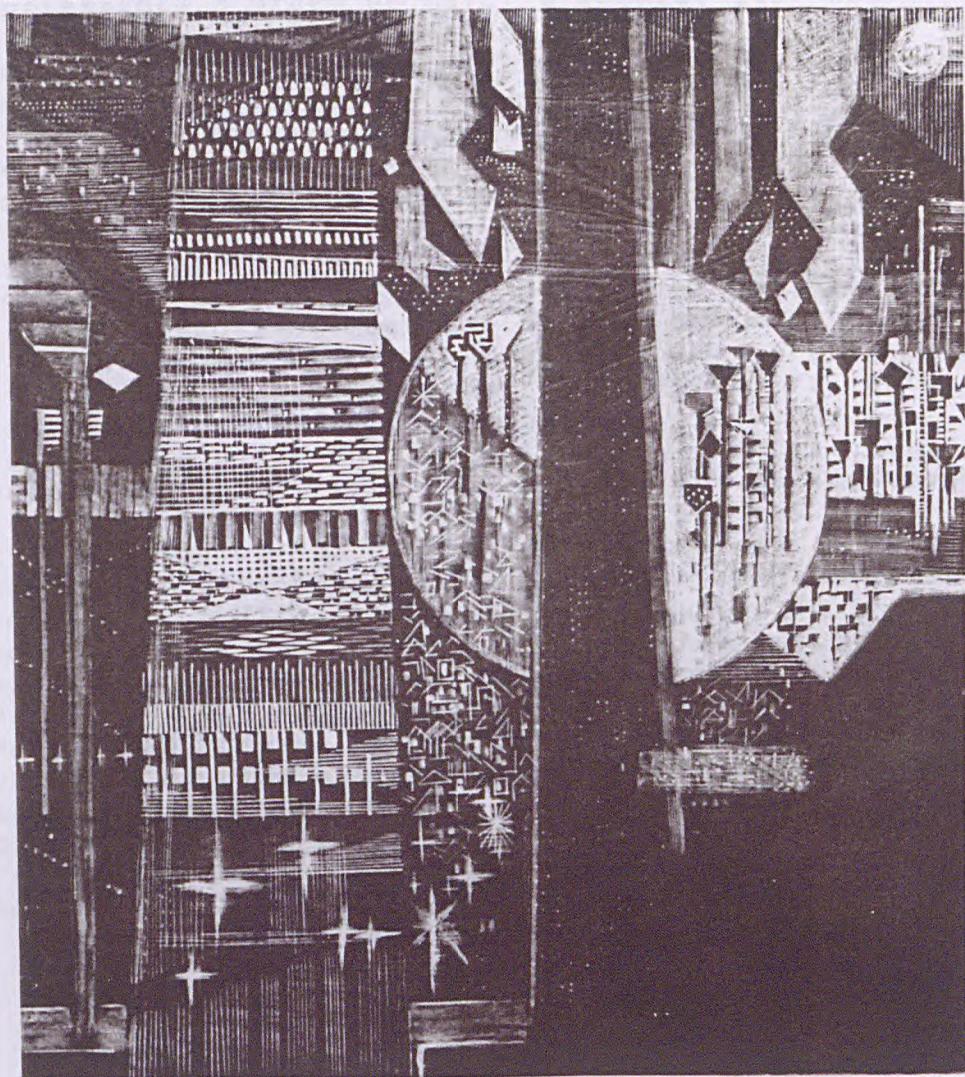
A designação de Bienal leva a qualificação da mostra de artes visuais, nas técnicas conhecidas, e na arquitetura e desenho industrial, ao nível mais alto. Se os intentos do setor cultural não foram compreendidos e respondidos pelos artistas, já é outra história, porquanto esta exposição fez coincidir seu biênio nos anos ímpares, que são aqueles em que S. Paulo realiza as suas Bienais já com uma experiência que leva duas décadas e, desde 1951, aberta ao confronto internacional. Então, atender a duas Bienais, no mesmo ano, num espaço que não chega a 70 km, é uma razoável motivação para que Santos não tenha tido a afluência que a convocação merecia.

Pode-se alegar também que a II Bienal de Santos é modesta em seus recursos para premiar os artistas, para distribuir "prêmios de aquisição", o que seria outro motivo - mas nos parece que não é a ambição de prêmios o que dá prestígio a uma Bienal, o que reveste de significação o comício artístico planejado. A Bienal teve um dado, para nós altamente expressivo, qual o de ter entregue a um grupo de críticos de arte a responsabilidade da escolha do conjunto aqui apresentado.

De tal maneira, os artistas e obras que formam o catálogo presente, passaram por um critério seletivo que pode ser discutido mas partiu de uma orientação justa desde que não implicava em restrições de ordem pessoal. E não houve sobre esse júri injunção alguma,



30 GRAVURAS BRASILEIRAS



LÍVIO ABRAHO
Rio - 1954
Xilografia - 21,4 x 19,3

o que vai em louvor da conduta seguida pelo setor cultural organizador, armado de não interferência nas decisões finais. Se o resultado conseguido não corresponde a ordem de maior grandeza, quer-nos parecer que ele deriva da soma dos fatores mais indicados a produzir um conjunto representativo, mesmo em detrimento do quantitativo.

O setor não conta com recursos para prêmios maiores nesta Bienal, mas um esforço deve ser feito, se houver continuidade nesta promoção, ou assemelhadas, para que aqueles prêmios oferecidos compensem, melhor, o que está na contribuição de cada artista.

Por outro lado, um grande prêmio geral não deveria eliminar a possibilidade de um prêmio a cada técnica, a grosso modo a discriminar-se assim: um prêmio para pintura, outro para desenho, um para gravura, outro para escultura, e ainda um para outras técnicas; arquitetura e desenho industrial deveriam ter seus prêmios próprios. Isto como um nível de estímulos aos artistas, arquitetos e concorrentes ao "design". Estes estímulos são de uma importância única, porque se faz muito pouco pelos artistas, sem cobrar-se comissões. É difícil conciliar-se a noção do artista com a profissionalização, porque nenhuma profissão exige, o que a arte exige, criatividade.

Premiamos duas melhores pinturas, com 1º e 2º prêmio; no desenho industrial acedemos em proporcionar o valor do 3º prêmio a um concorrente; pensamos ter agido, neste como nos dois primeiros casos, no sentido do estímulo. E o público poderá julgar se o setor recebeu de nossa parte a imprescindível e sincera cooperação.

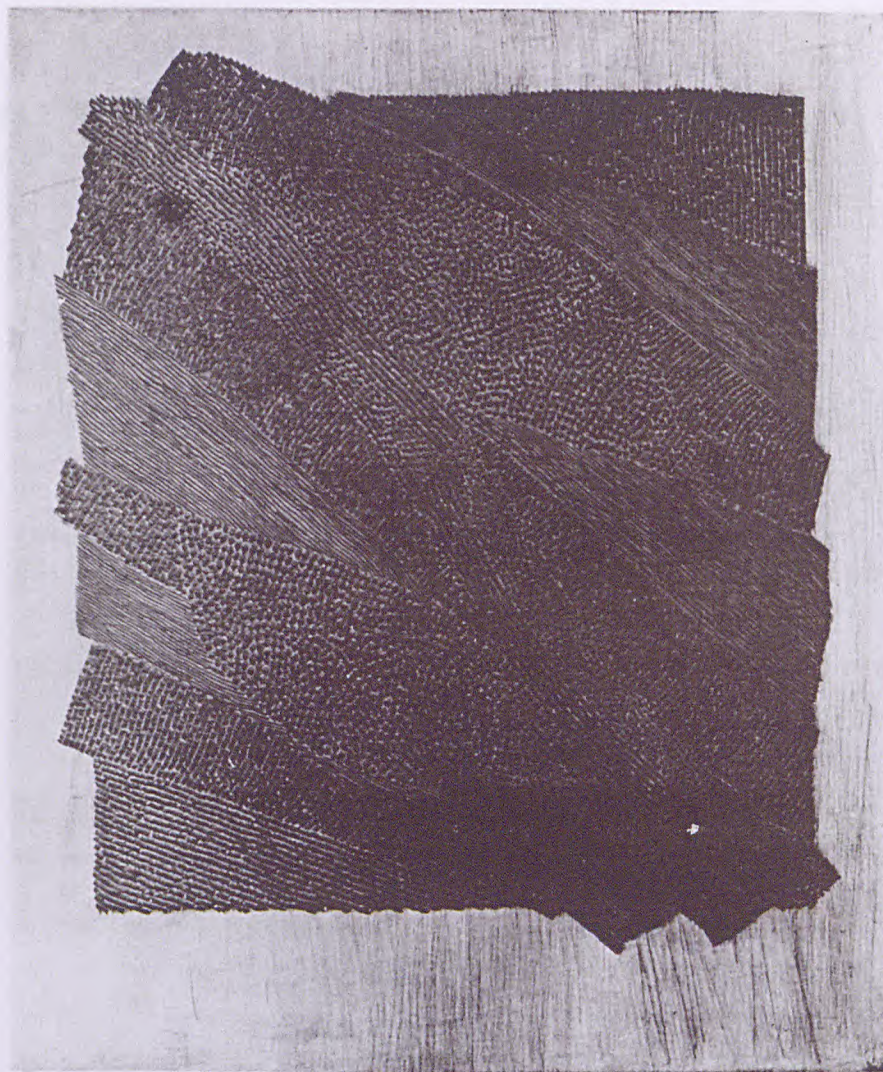
GERALDO FERRAZ

Julho de 1973



- 1 LASAR SEGALL
- 2 OSWALDO GOELDI
- 3 OSWALDO GOELDI
- 4 OSWALDO GOELDI
- 5 LÍVIO ABRAMO
- 6 LÍVIO ABRAMO
- 7 LÍVIO ABRAMO
- 8 MARCELO GRASSMANN
- 9 MARCELO GRASSMANN
- 10 FAYGA OSTROWER
- 11 FAYGA OSTROWER
- 12 EDITH BEHRING
- 13 SÉRVULO ESMERALDO
- 14 JOÃO LUIS CHAVES
- 15 ARTHUR LUIS PIZA
- 16 ISABEL PONS
- 17 ANNA BELLA GEIGER
- 18 JOSÉ ASSUMPÇÃO SOUZA
- 19 MARÍLIA RODRIGUES
- 20 NEWTON CAVALCANTI
- 21 ROBERTO MAGALHÃES
- 22 GILVAN JOSÉ MEIRA LINS SAMICO
- 23 ANNA LETYCIA QUADROS
- 24 MACIEJ ANTONI BABINSKI





ARTHUR LUIZ PIZA
Labours - 1963.
Butil a cores - 60 x 50,1

- 25 ROSSINI QUINTAS PERES
26 MARIA BONOMI
27 TRINDADE LEAL
28 EMANUEL ARAUJO
29 VERA CHAVES BARCELLOS
30 EVANDRO CARLOS JARDIM

CATÁLOGO À PARTE





GILVAN JOSE MEIRA LINS SAMICO
Comedor de Folhas - 1962
Xilografia a cores - 47,9 x 42,3